



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Tema: Discursos e práticas de higiene das estudantes usuárias em relação às casas de banho da FLCS-UEM

A autora: Edna Elvira Mocumbi

O supervisor: Danúbio Lihaha

Maputo, Setembro de 2021

Edna Elvira Mocumbi

Maputo, Setembro de 2021

Trabalho de culminação do curso na modalidade de projecto de pesquisa apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Declaração de honra

Eu, Edna Elvira Mocumbi, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso, nunca foi apresentado parcialmente ou na sua íntegra para a obtenção de qualquer grau académico, e que o mesmo constitui resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes por mim usadas.

A Autora:

Edna Elvira Mocumbi

Maputo, Setembro de 2021

Dedicatória

Á minha falecida irmã, Emelina Mocumbi

E aos meus pais e irmãos.

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida, proteção e força para enfrentar os obstáculos durante a minha vida.

Aos meus pais Pedro Mocumbi e Juvência Panguane e Irmãos Róstio, Milton, António e Vera Mocumbi pelo suporte e apoio moral durante a minha formação. Aos meus avós, que sempre acompanharam os meus passos apesar da ausência física.

Ao meu supervisor Danúbio Lihabe, pela compreensão, críticas, sugestões, disponibilidade e pela orientação do trabalho até sua versão final. Aos meus colegas da turma de Antropologia 2014, em especial a Joana Dozeleia a minha companheira de todos momentos, a toda Young Women Leaders pelas sugestões e apoio.

A Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em geral e em particular ao corpo de Docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) que estiveram a par da minha formação académica.

A minha família em geral e em particular o meu tio Cheme e a esposa, por todo tipo de apoio desempenhado até ao fim da minha formação académica e em vários âmbitos da minha vida. Ao Dr. António Matabele e Dra. Eugénia Dulá pelo incentivo e todo apoio por eles empreendido. E claro, não poderia deixar de agradecer ao Clésio Matimbe por disponibilizar o seu *laptop* para que fosse possível esta monografia.

Por fim, agradeço a todos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e prontidão a qualquer momento pois permitiram que a mesma fosse possível.

Aos meus amigos, vizinhos e conhecidos.

O meu muito obrigado!

Resumo

As casas de banho da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), suscitam diferentes opiniões no que diz respeito a forma como se apresentam e que, determina o seu uso ou não por parte das usuárias e também em relação à disposição de alguns materiais considerados importantes por estas.

O objectivo deste trabalho é compreender os discursos e práticas de higiene das estudantes usuárias em relação às casas de banho da FLCS, procurando analisar as suas percepções e pré-noções tendo como pano de fundo as casas de banho da FLCS; compreender, também, como elas procedem nas casas de banho e por fim procurar compreender os mecanismos e gestão de limpeza por parte dos funcionários.

A recolha de dados foi feita mediante as técnicas de observação e que culminou com entrevistas semi-estruturadas. Como auxílio que facilitou na compilação do trabalho, tive os diários de campo e celular para gravar as entrevistas, pois seriam difíceis as anotações no decorrer da entrevista. Essas gravações foram feitas com a permissão das pessoas entrevistadas e posteriormente passadas ao computador a fim de facilitar a transcrição.

Por fim, com base na teoria fenomenológica foi possível interpretar os significados e valores existente nas usuárias das casas de banho em relação a higiene. As interpretações das usuárias sobre higiene são influenciadas principalmente pelas pré-noções que as mesmas carregam sobre as definições do sujo e limpo

Palavras-chave: *Higiene, Limpo, Sujo, Fenomenologia.*

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEA – Centro de Estudos Africanos

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

FL –Faculdade de Letras

FLCS – Faculdade de Letras e Ciências Sociais

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

UFICS –Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais

USTM- Universidade São Tomás de Aquino

UP- Universidade Pedagógica

Índice	
Declaração de honra.....	II
Dedicatória.....	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	VI
Capítulo I.....	3
Introdução.....	3
Justificativa e motivação.....	4
Capítulo II.....	6
Revisão de literatura.....	6
2.1. O Estado da Arte.....	6
2.2. Problemática.....	9
Capítulo III.....	11
Quadro teórico e conceptual.....	11
Definição dos conceitos.....	11
Higiene.....	11
1.1.2. Sujo/sujeira.....	12
1.1.3. Limpo/limpeza.....	13
Capítulo IV.....	14
Procedimentos metodológicos.....	14
4.1 Métodos.....	14
4.2. Sobre colecta de dados: técnicas e instrumentos de pesquisa.....	14
4.3. Fases da realização da pesquisa.....	15
4.4 Local e os participantes do estudo.....	15
4.5 Constrangimentos e superação.....	16
Capítulo V.....	17
Resultados.....	17
Contextualização da FLCS e seus serviços de limpeza e higiene.....	17
Percepções das usuárias sobre higiene a partir das casas de banho femininas da FLCS	17
5.3. Pré-noções sócio-culturais de higiene por parte das usuárias.....	20
Mecanismos de gestão de higiene nas casas de banho.....	22

Capítulo VI.....	23
Considerações finais.....	23
Capitulo VII.....	25
Referências Bibliográficas.....	25

Capítulo I

Introdução

1.1 Contextualização e objetivos

A maneira como as pessoas procedem está carregada de experiências particulares e colectivas que influenciam na sua percepção do mundo. Essas percepções reflectem-se de várias formas, dentre elas na concepção de higiene (Chiazza, 2011), das noções de limpo e de sujo. Em Malysse (1996), a higiene é uma prática privada, pois, ela é uma fonte de informações pessoais que devem ser preservadas. O processo de higienização trouxe consigo políticas públicas e desinfeção das cidades e de seus habitantes e com elas veio a obsessão pela limpeza corporal (Douglas, 2012; Corbin, 1987).

Nestes moldes, o carácter simbólico é característico para cruzar as concepções de limpeza e sujeira, sendo a sujeira topográfica ou topológica quando está fora do lugar, assim, a impureza só existe aos olhos do observador (Souza, 2012 citando Douglas, 2012). Deste modo, é importante perceber a relatividade da sensação de estar sujo que está ligada às técnicas de auto-representação do corpo e as práticas são sobrecarregadas socialmente (Malysse, 1996).

Um dos lugares onde estas concepções e práticas sobre a higiene, o limpo e o sujo ganham uma importância central tem a ver com os sanitários públicos e privados. Neste trabalho interessa-nos abordar especificamente os sanitários públicos. Observações levadas a cabo em sanitários permitem desenvolver uma concepção da instrumentalização das representações sociais do limpo e sujo pois os atores são obrigados a submeterem seus rituais à organização especial do lugar, abandonando suas qualidades, o corpo se adequa às necessidades “consideradas” ideais pelo arquitecto e deste modo rompe a relação espaço e dimensões do corpo (Malysse, 1996). Entretanto, o que suscitou a minha vontade de estudar sobre as percepções de higiene nas casas de banho da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) é o facto de durante o período da minha formação de licenciatura nesta instituição entre o período de 2014 a 2021, percebi que havia constantes reclamações por parte das usuárias em relação às condições de higiene nas casas de banho que frequentemente apresentavam, em relação ao cheiro e a indisponibilidade de

água para usar depois desatfeitas as necessidades. Este trabalho tem como objetivo geral compreender os discursos e as práticas de higiene das estudantes usuárias das casas de banho da FLCS. E os específicos) Analisar as percepções das estudantes usuárias sobre higiene a partir das casas de banho femininas da FLCS;ii) Compreender as pré-noções de higiene por parte das estudantesusuárias; iii) Compreender os mecanismos de gestão de higiene nas casas de banho relativamente às expectativas das usuárias.

A divisão deste trabalho é composta por esta introdução que inclui a contextualização, objectivos, justificativa e motivação, seguido da revisão de literatura que engloba a parte da problemática, a terceira parte é composta pelo quadro conceptual na qual está descrita a teoria que guia este trabalho, e, estão definidos os principais conceitos do trabalho, seguindo a quarta parte pelos procedimentos metodológicos nos quais está descrito o método empregue, as técnicas e instrumentos de pesquisa, as fases, local e os participantes da pesquisa, constrangimentos e superação. De seguida, estão descritos os resultados da pesquisa, seguem as considerações finais e por fim a referência bibliográfica usada na elaboração do trabalho.

Justificativa e motivação

A escolha do tema ou assunto específico tem a ver com o interesse que pode partir da vida pessoal até a vários aspectos do pesquisador, entretanto, o que influenciou para a escolha deste tema foi durante o período da minha formação de Licenciatura na UEM (2014-2021), percebi que haviam constantes reclamações por parte das usuárias em relação às condições de higiene nas casas de banho que frequentemente apresentavam, em relação ao cheiro, indisponibilidade de água para usar depois de satisfeitas as necessidades, a falta de alguns materiais para usar como o papel higiénico, sabão para lavar as mãos.

A outra motivação que influenciou na escolha deste tema foi pelo facto de pertencer ao objecto pesquisado, portanto, a convivência e o conhecimento dos factos, facilitaram a descrição referentes aos hábitos e/ou experiências das usuárias em relação á higiene nas casas de banho.

A escolha do tema deve-se ainda ao facto de durante a formação ter apreendido matérias nas cadeiras de Antropologia do Simbólico, Cultura e Etnemas Sociais, que tratavam de assuntos ligados à cultura, relações sociais, criação e partilha de valores entre diferentes

pessoas que compartilham o mesmo espaço interligados à temáticas de limpo e sujo, puro e impuro, entre outros temas similares.

O motivo chave da escolha deste tema é que desde o período da minha formação, destaquei principalmente uma incongruência naquilo que os funcionários de limpeza e as usuária diziam, dum lado eram proibidas de frequentar as casas de banho alegando estar a limpar e quando entravam após a limpeza ficavam insatisfeitas, diziam não sabiam o porque foram inibidas de usar as casas de banho porque ainda tinha o espelho sujo de gotas de água, cabelos na pia e principalmente insuficiência de água para usar depois de satisfeitas as necessidades.

Baseado no método etnográfico, este trabalho faz uma descrição sobre as representações sociais e culturais de higiene e apresenta de forma detalhada as intervenções das usuárias das casas de banho em relação a higiene e deste modo enfatizando a essência do método.

Capítulo II

Revisão de literatura

2.1. O Estado da Arte

No que concerne a revisão de literatura, formulam-se discussões em torno do conceito higiene, para isso, destacam-se contribuições de teóricos que por um lado discutem sobre a higiene a luz da saúde e por conseguinte a criação de políticas higiênicas que influenciam ao comportamento das pessoas e por outro lado a perspectiva que explica a higiene a luz da cultura.

No que diz respeito a definição do conceito higiene, provém do Grego “hygeinos” que significa “o que são”. Antes, em sua origem, era usado para qualificar a saúde, na qual as pessoas deviam ter uma “saúde higiênica”, depois a palavra passou a significar um conjunto de hábitos que se deve ter para conseguir o bem-estar e a saúde (Faria e Monlevade, 2008).

Num outro ponto de vista, a higiene é representada á luz da “saúde corporal”, na visão de Freitas (2014) a palavra higiene pode ser entendida como limpeza corporal, o asseio ou ainda pode denominar uma parte da medicina que busca preservar a saúde, estabelecendo normas e recomendações para prevenir doenças. A mesma ideia é compartilhada por Ribeiro (2010:01) afirmando que trata se de uma “ciência que visa a preservação da saúde e a prevenção das doenças”. Em contrapartida, Malysse (1996) afirma que as ideias de higiene corporal são culturalmente relativa, assim como as práticas que lhe são relacionadas.

Na visão de Moretti (2012), a higiene consiste num conjunto de hábitos que causam benefícios para a limpeza e o asseio do ser humano. Deste modo, a higiene é uma maneira e para incluir se nela exige vestimentas, adereços, cheiros e todos outros aspectos que caracterizam o exterior e a sua ausência é associada a indiscrição, a falta de pudor e de vergonha e o perigo é relacionado a questões ligadas a própria saúde (Goldfarb, 2008). Na mesma linha de ideias, Malysse (1996), compreende higiene como sendo uma prática privada pois é uma fonte de informações pessoais que devem ser preservadas.

Historicamente, o processo de higienização trouxe consigo políticas públicas e desinfecção das cidades e de seus habitantes e com elas veio a obsessão pela limpeza corporal (Douglas, 2012; Corbin, 1987).

Lima (2015) citando Douglas (1991) na qual a autora descreve os processos rituais de sujeira e limpeza das religiões primitivas e modernas, determina o carácter simbólico como sendo característico pois cruza as concepções de limpeza e sujeira entre os povos primitivos e modernos pois “estamos todos sujeitos as mesmas regras”, tanto os povos primitivos quanto modernos realizam um mesmo exercício de afastamento da sujeira e estabelece-se um padrão.

Assim, Douglas (2012), afirma que a limpeza se transformou ao longo do tempo em uma prática obsessiva nas sociedades modernas sendo o ideal a ser perseguido, pois representa a beleza e a ordem. Assim, a higiene passa a constituir como elemento da cidadania, havendo uma aproximação entre auto-responsabilidade e moral, deste modo, instituiu-se uma compulsão pela limpeza e por consequência um sentimento de temor pela sujidade (Archanjo, 2016).

Em contrapartida, Ponte (2006), a partir de um estudo feito com catadores num lixão em Brasil, contrapõe com uma definição simbólica do conceito higiene. Com base no universo cultural dos catadores, a autora toma um contorno singular e mostra que aquilo que para alguns representa um perigo à saúde, neste contexto, de lixão, transforma e redimensiona a vida de outras pessoas, dando novas dimensões, configurações e construções de regras sociais.

Nessa linha de ideias Douglas (1991), sustenta que as ideias de impureza, da desordem, do odor, do pudor, etc., são influenciadas por conhecimento de elementos patogênicos, no entanto a relação com certas doenças é inevitável pois o medo de adquiri-las pelo contacto é tomado como elemento perigoso, o olhar sobre a sujeira (Ponte 2006).

As ideias acima citadas agrupam-se em dois lados, das quais por um lado a higiene é compreendida a luz da saúde, como aquela que visa preservar a saúde e o bem-estar físico das pessoas mas por outro lado, a visão cultural-simbólica exalta a componente experiencial e singular sobre higiene quebrando a visão da “saúde higiênica”, ressalta ainda o poder da relativização dos conceitos e mostra que aplicabilidade do conceito higiene depende de cada contexto.

Num outro olhar, comportamental, Bucha (2004) faz a sua análise sobre a gestão do desenvolvimento sustentável e advoga que em relação ao meio ambiente a cidadania é importante e tem de ser exercida por todos nós e sabendo que existem desafios a serem enfrentados para manter o desenvolvimento sustentável, ou melhor, o ambiente sustentável.

Os problemas sanitários que Brasil apresentava a anos atrás, por exemplo, foram solucionáveis através de consensos por meio de criação de políticas. Hochman (1998) consegue iluminar um rico momento de construção institucional mostrando como são feitos consensos em relação a precariedade da situação sanitária da maior parte do país e foi possível tornar a compulsória a solução dos problemas sanitários.

Nessa ordem de ideias, Bordieu (1997) citado por Chavana (2016) advoga que "a variação nas formas de vida, comportamentos de pessoas está relacionada com as diferenças de capitais em que cada um possui. Essas orientações podem ou variam de acordo com as diferentes formas de utilização e o capital económico, cultural e social conferem as pessoas maneiras de viver, agir e pensar dentro de um contexto e a ausência ou presença de um determinado capital traduz uma série de escolhas e práticas".

Rial (2016) realizou um estudo em Goiânia e tinha como foco as narrativas e experiências de doenças no contexto por conta de um depósito nuclear na região transformado num local de lazer e turístico em que os moradores arredores percebiam o lixo e o depósito como perigosos sob o risco de serem contaminados.

Na mesma linha de pensamento, Chiazza (2011), mostra que os conceitos de limpo e sujo são de definição desafiante, não são e nem podem ser fixos e em definitivo, não existem porque eles tomam forma na óptica das pessoas que os pensam e os produzem, os mesmos conceitos são cruciais embora em certa medida provoquem “repulsa” e “atração”, eles orientam a vida e escolha das pessoas.

2.2. Problemática

Na modernidade, a discussão sobre a higienização tem tomado a atenção do público em geral, principalmente quando está ligada a saúde pública. A forma como as pessoas realizam algo reflecte-se no seu comportamento e na sua concepção do sujo e limpo (Chiazza, 2011).

Assim, dentre várias perspectivas que têm sido debatidas sobre higiene, destaca-se a perspectiva antropológica mostra que as noções de higiene são representadas à luz da cultura.

Esta perspectiva procura compreender o sentido simbólico da higiene, explica a partir da noção do sagrado e profano que por conseguinte vão configurando as relações constituindo regras sociais, profanatiza a impureza e sacraliza a pureza, explica que a impureza representa perigo e é profana mas apesar disso, ela não se torna um factor mais importante pois ela toma um novo sentido e forma no uso de certos meios, portanto, evitar a impureza é por uma questão de higiene e não de religião, assim, a noção de impuro toma um novo olhar, do medo do contágio pois a relação com doenças torna inevitável o medo de adquirir através do contágio (Douglas, 2012e Ponte 2006).

Essa perspectiva também sacraliza a higiene, tomando-a como aquela que representa a ordem e o belo (Douglas, 2012). Entretanto, esta perspectiva limita-se apenas a analisar a higiene em uma linhagem, culturalista-simbólica, tornando-se assim excêntrica, pois deixa de fora o lado da saúde como um todo, onde engloba questões de ética e da própria saúde pública como componentes para analisar a higiene.

Em contrapartida, existe uma outra perspectiva não antropológica, a da saúde pública que caracteriza higiene a partir do exterior. Nesta perspectiva, a higiene consiste nos hábitos que causam benefícios para a limpeza e o asseio do ser humano e elas são coisas que fazemos que nos ajudam a prevenir de doenças e manter a saúde, prezando pelo nosso bem-estar, assim, a higiene é uma maneira e para incluir-se nela são necessárias vestimentas, adereços, cheiros, entre outros aspectos, que caracterizam e qualificam o exterior.

Por outro lado, a falta de higiene é associada a indiscrição, a falta de pudor e de vergonha e o perigo é relacionado a questões ligadas a própria saúde (Moretti, 2012 e

Goldfarb, 2008). Portanto, esta perspectiva limita-se a analisar a higiene a luz da saúde pública deixando de lado a componente experiencial que pode ser importante na descrição daquilo que é higiene.

Contudo, sendo que na Universidade Eduardo Mondlane existem casas de banho femininas que são usadas para a satisfação das necessidades fisiológicas e não só, há reclamações das condições higiénicas por parte das usuárias. Essas reclamações giram em torno do cheiro das casas de banho, gotas de água no chão e pegadas no chão molhado, espelho quase sempre sujo com gotas de água seca, cabelos no lavatório, a falta da disponibilidade de água para o uso e outros aspectos importantes para o uso antes, durante e depois que satisfeitas as necessidades. Entretanto, perante uma diversidade de pessoas que provêm de contextos diferentes, de representações regionais, étnicas, estratificações diferentes, com hábitos ou costumes diferentes, os níveis de reclamações são também diferentes, pois os usos dos meios são de formas diferentes. Contudo, quais os discursos e práticas de higiene das estudantes usuárias das casas de banho da FLCS na UEM?

Capítulo III

3. Quadro teórico e conceptual

Sendo que a Antropologia foi instituída com o objectivo de compreender os factos e fenómenos da realidade humana, este trabalho segue uma abordagem fenomenológica mais de acordo a tradição norte-americana dessa corrente teórica.

Na visão de Husserl (1986) citado por Urbano (2007), a fenomenologia busca a fundamentação totalmente nova, ela consiste em abster-se do natural. Ghiraldelli (2016) fundamenta ainda que fenomenologia é uma estrutura específica do fenômeno e como condição de possibilidade do conhecimento, ela busca limpar as várias ramificações que uma cultura pode ter, olha para fenômeno como tal.

Nessa linha de ideias a teoria fenomenológica enfatiza as actividades dos indivíduos no seu quotidiano, assim, essa teoria maneja a acção, observação e, por conseguinte, a compreensão dos fenómenos efectivamente. Deste modo, a teoria fenomenológica permitiu olhar e capturar momentos relacionados com as práticas de higiene das usuárias das casas de banho da FLCS e deste modo pude perceber como estás agem, pensam e lidam em relação a higiene nas casas de banho. A partir desta teoria foi possível tratar os factos de forma excêntrica pois foi possível fazer uma descrição sem ter em conta as minhas pré-noções e deste modo evitar o etnocentrismo.

Definição dos conceitos

Nesta fase estão apresentadas a definição dos conceitos usados para compreender o objectivo de pesquisa. Deste modo, são levantados os conceitos: higiene, limpeza/limpo, sujidade/sujo.

Higiene

Na visão de Freitas (2014) a palavra higiene pode ser entendida como limpeza corporal, o asseio ou ainda pode denominar uma parte da medicina que busca preservar a saúde, estabelecendo normas e recomendações para prevenir doenças.

Em contrapartida, Malysse (1996) afirma que a ideia de higiene corporal é culturalmente relativa, assim como as práticas que lhe são relacionadas.

Segundo Moretti (2012), a higiene consiste num conjunto de hábitos que causam benefícios para a limpeza e o asseio do ser humano. Deste modo, a higiene é uma maneira e para incluir se nela exige vestimentas, adereços, cheiros e todos outros aspectos que caracterizam o exterior e a sua ausência é associada a indiscrição, a falta de pudor e de vergonha e o perigo é relacionado a questões ligadas a própria saúde (Goldfarb, 2008). Na mesma linha de ideias, Malysse (1996), compreende higiene como sendo uma prática privada pois é uma fonte de informações pessoais que devem ser preservadas.

No entanto, das definições acima descritas opto pela definição de Malysse pois a higiene é um conjunto de hábitos ou costumes que visam não só o bem-estar físico, mas também envolve questões culturais e pessoais/ privadas.

Sujo/sujeira

A sujeira étopográfica ou topológica quando está fora do lugar, assim, a impureza só existe aos olhos do observador (Souza, 2012 citando Douglas, 2012). Deste modo, é importante perceber a relatividade da sensação de estar sujo que está ligada às técnicas de auto-representação do corpo e as práticas são sobrecarregadas socialmente (Malysse, 1996).

Segundo Houaiss e Villar (2001), o termo sujo/sujidade é tomado como falta de limpeza até a sordidez, é algo ou alguém que está fora dos padrões de bem-estar, higiene ou pureza.

Vernant (2002:281), sujo é o que se pode ser pensado como anomalia, aquilo cujo estatuto aparece como ambíguo, marginal e que questiona a ordem da qual o grupo é solidário e cuja perpetuação deseja garantir.

Navisão de Forty (2007:27) a sujeira é matéria fora do lugar, o sujo são os rótulos que atribuímos ao que percebemos como desordem, estando muitas vezes considerado como ameaçador.

Das definições subscritas, relaciono as definições de Malysse (1996) e Souza (2012), pois a sujidade é uma acção relativa e que é socialmente impregnado.

Limpo/limpeza

Segundo Silva (1996:46), o senso de limpeza é praticar a limpeza de forma habitual e rotineira e, sobretudo, não sujar.

Para Daniela et all (s/d), a limpeza pressupõe a organização e liberalização da área do trabalho descartando os itens sem utilidade, seguir os padrões de arrumação e deixar a área isenta do pó. A limpeza é inspeção que possibilita a identificação de defeitos, peças quebradas, vazamentos, etc., com a finalidade de manter o ambiente saudável e agradável.

Por sua vez, Forty (2007), afirma que a partir do século XIX o conceito limpeza tomou um lugar significativo na obra de muitos *designers* considerando se então como a ordem e beleza.

Na mesma linha de ideias, Douglas (2012) define a limpeza como sagrada e que significa aquilo que é belo, ordem, bem-estar

Nas definições acima descritas, opto pela definição de Silva (1996) porque o limpo é um estado de manter o espaço/lugar sem sujidade e exige hábito ou rotina.

Capítulo IV

Procedimentos metodológicos

Com base na ideia de que o método são caminhos para a realização de uma pesquisa, neste capítulo estão apresentados os métodos e técnicas que serão usadas durante a pesquisa.

4.1 Métodos

O método empregue é o etnográfico, que segundo Cavedon (2003:143) citado por Chiesa e Fatinel (2014, 03), consiste “no levantamento de todos os dados possíveis de uma comunidade, com finalidade de conhecer o estilo de vida ou a cultural específica da mesma”. Este trabalho segue uma abordagem qualitativa que consiste numa tentativa de compreensão de detalhes dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados (Richardson, 2015:90). A pesquisa qualitativa permite a obtenção de dados descritivos mediante contacto directo e interactivo do pesquisador com a situação do objecto de estudo. O pesquisador procura entender o fenómeno segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e a partir daí procede a interpretação dos fenómenos (Belin, 1996).

4.2. Sobre colecta de dados: técnicas e instrumentos de pesquisa

Para a recolha de dados foram usadas as técnicas de observação que consiste em ver, ouvir e descrever os factos, as conversas formais e informais, entrevista semi-estruturada que permite ao entrevistador uma liberdade para desenvolver cada questão em direção que considere adequada (Marconi e Lakatos, 1999) e a técnica da listagem livre.

No processo da entrevista foram seleccionadas pessoas do sexo feminino pois o espaço em pesquisa diz respeito a elas como o objecto de estudo e masculino pois estes fazem parte do corpo da limpeza das casas de banho. Foi solicitado que as usuárias que fizessem lista dos aspectos que são indicadores de falta de higiene, neste caso o lixo e dos aspectos que consideram como sendo limpo ou limpeza.

A observação abrange todos os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio investigador procede directamente recolha das informações no local onde pretende estudar (Quivy e Campenhoudt,1995), entretanto, a partir desta técnica permitia uma descrição dos factos e do espaço pesquisados.

4.3. Fases da realização da pesquisa

O trabalho foi realizado em duas etapas das quais a primeira etapa corresponde ao período de Fevereiro de 2019 até Março de 2019 que corresponde a etapas que permitiram a identificação do objecto de estudo. A elaboração do trabalho foi facilitada com a consulta bibliográfica e documental nas bibliotecas Central Brasão, Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da UEM, na biblioteca da Universidade São Tomás de Aquino (USTM) e na biblioteca da Universidade Pedagógica (UP), adicionalmente consulta aos estudos feitos em outros países Dissertações de Mestrado e Monografias, apontamentos do caderno e artigos retirados da *internet*.

A segunda etapa decorreu dentre Abril de 2019 até Junho de 2019 nas casas de banho da FLCS. Nesta fase observei, conversei com as participantes de estudo. Durante as observações prestava atenção nas condições de higiene e na forma como elas lidavam com as condições, prestava atenção ao que falavam e como decorriam as conversas soltas nas casas de banho. Por fim a análise e sistematização dos dados.

4.4 Local e os participantes do estudo

O local de estudo localiza-se na cidade de Maputo, na Avenida Julius Nyerere. No recinto da Universidade têm várias faculdades dentre as quais a Faculdade de Letras e Ciências Sociais e as suas casas de banho que constituem o espaço de pesquisa. O edifício da FLCS encontra-se em frente ao edifício do Centro de Estudos Africanos (CEA). Esta faculdade dispõe de 5 casas de banho masculinos e femininos das quais estão uma ao lado doutra, uma está localizada em frente ao Anfiteatro 1502, outra está localizada no primeiro andar do edifício, do lado esquerdo, a terceira está localizada no rés-do-chão do edifício, na ala direita, a quarta está no primeiro e segundo andares do edifício.

Para a materialização da pesquisa, colhi informações de pessoas que usam as casas de banho, dos funcionários e de gerente de limpeza. No total foram 07 usuárias das casas de banho, 2 funcionários de limpeza e 1 gerente de limpezas.

4.5 Constrangimentos e superação

O grande constrangimento que enfrentei e enfrento até então e durante a pesquisa foi a timidez. Como forma de superar, conversei com as usuárias iniciando por elogiar, por exemplo elogiar os seus cabelos, as calças, as blusas ou bolsas.

O segundo constrangimento foi com a literatura antropológica (moçambicana) disponível em relação ao assunto de pesquisa, como forma de superar o constrangimento, optei por relacionar as ideias dos autores com as observações e anotações que fossem possíveis de caderno.

O terceiro e último constrangimento foi em relação ao método empregue, o etnográfico pois permite apenas permite o levantamento dos dados com a finalidade de conhecer o estilo de vida dos participantes sem mencionar de que maneira chegar aos participantes e como forma de superar fiz o uso da técnica de bola de neve.

Capítulo V

Resultados

5.1. Contextualização da FLCS e seus serviços de limpeza e higiene

A Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) é actualmente a maior da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) oferecendo os cursos de graduação e pós-graduação. A FLCS é fruto a união em 2003 entre as já extintas Faculdade de Letras (FL) e Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS). Actualmente, a FLCS é reconhecida pelo seu contributo que presta ao desenvolvimento do capital humano de Moçambique através de graduados e pós-graduados de qualidade. A FLCS segue, com grande empenho um ensino de qualidade, realiza investigação relevante e actividades de extensão e consultoria e contribui para os debates nacionais, regionais e internacionais nos domínios das letras e ciências sociais.

Com cerca de 5mil estudantes, dos quais no regime laboral 62% são homens e 38% são mulheres e no regime pós-laboral 47% e 53% para homens e mulheres respectivamente correspondente ao nível de graduação. Ao nível de pós-graduação estão divididos em 50% para homens e mulheres. Conta com 7 Departamentos e 23 cursos regulares e Centros nos quais a FLCS oferece cursos de curta duração. Quanto ao amplo quadro de docentes com larga experiencia, a FLCS inclui 250 docentes, 5 professores Catedráticos dos 8 existentes na UEM.

5.2. Percepções das usuárias sobre higiene a partir das casas de banho femininas da FLCS

Recordo-me que enquanto fazia observações nas casas de banho, e de acordo com as entrevistas feitas no campo, percebi que as usuárias relacionavam a ausência da limpeza a sujidade e que segundo estas, a definição de higiene a partir das casas de banho consiste num conjunto de hábitos ou ações feitas de forma a manter um bem comum e não só, fazem um chamamento a responsabilidade individual para o bem colectivo.

Numa ideia contrária, autores como Freitas (2014) afirma que a higiene pode ser entendida como limpeza corporal, o asseio ou ainda pode denominar uma parte da medicina que busca preservar a saúde, estabelecendo normas e recomendações para prevenir doenças. Em contrapartida, Malysse (1996) afirma que as ideias de higiene corporal são culturalmente relativas, assim como as práticas que lhe são relacionadas.

No que diz respeito a definição de higiene, Ivódia de 25 anos usuária das casas de banho da FLCS disse:

Para mim casa de banho limpa é aquela em que as condições de higiene são minimamente respeitadas, digo minimamente porque estamos a lidar com várias pessoas, culturas diferentes.

Irene de 25 anos estudante da FLCS assenta:

Para mim, casa de banho limpa é aquela que cheira bem de manhã, pias limpas, lavatórios e espelho limpos, o chão também, são essas componentes que reparo.

Teresa de 30 anos, estudante da FLCS referiu:

Nas casas de banho chega até a ser pior, principalmente as femininas que são as que frequento e nota-se um desleixo das estudantes e dos funcionários, mas não culparia os funcionários porque eles estão a lidar com pessoas crescidas porque temos que saber cuidar de “nós” antes de saber de cuidar dos outros então tudo aquilo que encontramos como cabelos, pensos no chão é um produto nosso, fazemos e não nos importamos.

Num cruzamento de ideias entre participantes acima referidos sobre a definição de higiene, a limpeza toma ponto fulcral na caracterização desta. Para Douglas (2012), a limpeza é sagrada e significa aquilo que é belo, ordem, bem-estar, e, dum ponto de vista dos factos, o carácter simbólico é determinante para compreender a limpeza e sujeira pois esses conceitos tomam outras formas dependendo da óptica do observador (Souza, 2012) e assim, enfatizam a relatividade da sensação do estar sujo e limpo

A partir das entrevistas percebi que há também um sentido de relatividade sobre a limpeza e sujidade, pois as estudantes usuárias têm suas pré-noções que não são aplicadas no contexto das casas de banho da FLCS. Alienado a essa ideia, (Freitas,

2014) afirma que essa ideia é culturalmente relativa olhando para os hábitos mantidos para o bem-estar físico ou (psicológico) pois mais que preservação da saúde, a higiene é uma fonte de informações pessoais (Malysse, 1996).

Amélia de 24 anos e estudante usuária das casas de banho da FLCS refere:

Eu acho que devemos tentar antes de mais procurar desmitificar o conceito limpeza porque eu carrego uma definição desse conceito que quando chego aqui na faculdade não vejo, o que é feito aqui é outra coisa não limpeza porque quando vou a casa de banho as vezes encontro que está fechado porque acabam de limpar e quando entro e depois vejo o espelho continua sujo, o chão também.

As observações e entrevistas feitas no campo permitiram perceber que a cada vez que uma usuária procurava por uma casa de banho para a satisfação das suas necessidades, deixava os seus pertences do lado de fora com alguém ou levava consigo até dentro, por questões de segurança. Algumas usuárias reclamavam principalmente por não ter água para lavar as mãos e nem sequer para colocar na pia após satisfeitas as necessidades biológicas, algumas optavam por ir a outras faculdades, outras desistiam e ficavam a espera que tivesse água e outras faziam as suas necessidades, ainda que não sentassem na pia, faziam inclinadas apenas.

Os conceitos de limpo e sujo são de definição desafiante pois estes não são, na prática, fixos, eles variam de cada contexto e experiência vivida por cada pessoa (Chiazza, 2011) O limpo exige maneiras de apreciação do exterior e a sua ausência, neste caso o sujo, é relacionado a falta de vergonha (Moretti, 2012 e Goldfarb, 2008) e causa uma insatisfação por parte dos utentes, neste caso das usuárias das casas de banho. Em conversa com Lídia de 19 anos, estudante da FLCS afirma:

Os funcionários da limpeza parecem não estarem interessados, é normal uma sala de aula as 07hrs estar suja, casa de banho idem mais logo mesmo depois de ter sido feita a limpeza encontramos vestígios de falta de higiene, acreditando que existem condições para manter limpa.

Ivódia de 25 anos, usuária das casas de banho e estudante da FLCS acrescenta:

Na casa de banho da FLCS, quando vou o espelho tem outras componentes como gotas de água e outras coisas e no lavatório por

vezes tem cabelos e papel higiênico, ora não tem água para usar e somos obrigadas a nos ajeitar ou procurar outros banheiros então para mim tudo isso que é sujo.

Deste modo, as usuárias são obrigadas a submeterem os seus hábitos a forma na qual o espaço encontra-se organizado e as necessidades são satisfeitas mediante os serviços oferecidos no local, neste caso, nas casas de banho, deixando de lado as suas qualidades, vontades e hábitos e, deste modo, rompe a relação espaço e dimensões do corpo (Malysse, 1996).

5.3. Pré-noções sócio-culturais de higiene por parte das usuárias

As ideias ou representações sobre higiene variam de pessoa a pessoa e dependendo do contexto, toma direções contrárias ou similares. Entretanto, na FLCS existem casas de banho que são para satisfação das necessidades e não só, por pessoas que são de proveniências sociais, culturais e simbólicas diferentes, conseqüentemente isso influenciara na concepção de higiene.

Nessa ordem de ideias, Bordieu (1997) citado por Chavana (2016) advoga que "a variação nas formas de vida, comportamentos de pessoas está relacionada com as diferenças de capitais em que cada um possui. Essas orientações podem ou variam de acordo com as diferentes formas de utilização do capital económico, cultural e social conferem as pessoas maneiras de viver, agir e pensar dentro de um contexto e a ausência ou presença de um determinado capital traduz uma série de escolhas e práticas".

Irene de 25 anos respondeu:

Para mim higiene é o processo através do qual pessoas individualmente ou colectivamente mantêm-se limpas ou mantêm o espaço onde habitam limpo.

Mércia de 23 anos, estudante da FLCS e frequentadora das casas de banho afirma:

A higiene para mim é todo corpo que está no seu estado normal, sem poeira, areia, nodos ou qualquer detrito de sujidade.

Ângela de 23 anos, usuária das casas de banho da FLCS disse:

Para mim a higiene são acções que as pessoas fazem para limpar se a si próprias e se preservar a saúde e contra doenças (...) um sítio higienizado não tem poeira, areia, não tem insectos, moscas, bem arrumado.

A partir das entrevistas, pude perceber que a higiene é entendida como aquela que visa a limpeza do corpo ou algum lugar, preservando a saúde e que por meio de regras sociais, prevenir doenças pois são hábitos que beneficiam ao homem e a sua essência é determinada pelo exterior, aquilo que se pode ver e se tocar, que é mutável (Moretti, 2012), pois também a higiene consiste no bem-estar exterior mas também o individual ou coletivo ,assim, a higiene passa a definir o que são as práticas de um individuo ou um grupo.

Para além de estar somente para responder as necessidades exteriores do homem, ela também é uma fonte de informações particulares por isso devem ser preservadas (Malysse,1996) e deste modo, a higiene se estabelece como uma acção de cidadania ligando a auto-responsabilidade e moral. Num outro olhar, comportamental, Bucha (2004) faz a sua análise sobre a gestão do desenvolvimento sustentável e advoga que em relação ao meio ambiente a cidadania é importante e tem de ser exercida por todos nós e sabendo que existem desafios a serem enfrentados para manter o desenvolvimento sustentável, ou melhor, o ambiente sustentável.

Na mesma linha de ideias, percebi que a ideia de higiene corporal é culturalmente relativa, assim como as práticas que lhe são relacionadas (Malysse,1996). Ester de 27 anos, estudante e usuária disse:

Higiene é saber estar limpo, varrer, limpar e lavar a sua roupa e dentro manter tudo limpo, o epaco que vivemos.

Segundo Silva (1996:46), o senso de limpeza é praticar a limpeza de forma habitual e rotineira e, sobretudo, não sujar. Para Daniela etall (s/d), a limpeza pressupõe a organização e liberalização da área do trabalho descartando os itens sem utilidade, seguir os padrões de arrumação e deixar a área isenta do pó. A limpeza é inspeção que possibilita a identificação de defeitos, peças quebradas, vazamentos, etc., com a finalidade de manter o ambiente saudável e agradável.

Para Ester (27), a higiene parte principalmente de hábitos particulares para o meio social no qual se enquadra:

Para mim, higiene deve começar de casa para fora, se em casa não sabe fazer limpeza com certeza lá fora fará coisa pior, para não dizer que “porquices” Ester.

Nessa linha de ideias, a higiene compreende maneiras de ser e estar, ela precisa de adereços e vestimentas que caracterizam não só o interior, mas o exterior das pessoas e deste modo ela é uma representação pessoal e cultural que quando reforçada pelo hábito e rotina determina principalmente a relatividade e experiência que ela exige.

5.4. Mecanismos de gestão de higiene nas casas de banho

As casas de banho da FLCS têm gerado diferentes opiniões sobre os serviços que são ali oferecidos pois dependendo do uso dos mesmos se chega a conclusão sobre a higiene ou não. Entretanto, tem gerado também diferentes opiniões sobre a limpeza e sua manutenção.

Sobre o assunto acima mencionado Carlitos de 30 anos, funcionário de limpeza de FLCS disse:

É um trabalho fácil e difícil em simultâneo pois como todo trabalho não é fácil então tem que gostar do que faz para se enquadrar, portanto, acaba se gostando do que se faz porque é necessário.

Bordeau (1997) citado por Chavana (2016) advoga que "a variação nas formas de vida, comportamentos de pessoas está relacionada com as diferenças de capitais em que cada um possui. Essas orientações podem ou variam de acordo com as diferentes formas de utilização e o capital económico, cultural e social conferem as pessoas maneiras de viver, agir e pensar dentro de um contexto e a ausência ou presença de um determinado capital traduz uma série de escolhas e práticas" e essas orientações podem motivar uma insatisfação ou conformidade com a situação económica ou social.

João de 31 anos, funcionário de limpeza da FLCS fundamenta:

Chagava na faculdade às 13hrs ou 13:30 e nessa hora há muito trabalho porque tem que limpar as salas de aulas, o pátio, as escadas e as casas de banho mas as vezes é obrigado a chegar mais cedo por questões de pontualidade e enquanto os de tarde estão em aulas aproveita para fazer manutenção da

limpeza nas casas de banho e só a partir das 15-15:30 é que começa a descansar e depois só faz manutenção caso perceba que está sujo.

De acordo com as observações e entrevistas realizadas no campo com os funcionários de limpeza, percebi que a divisão de trabalho é feita de acordo com os períodos de aulas, sendo que existem funcionários no período da manhã e de tarde. Percebi também que os funcionários de limpeza de casas de banhos são os mesmos com os das salas de aulas, onde enquanto uns limpam as salas outros limpam as casas de banho e quanto a manutenção da limpeza é alienada.

Estevão de 27 anos de trabalho afirmou:

No que diz respeito a forma como procedem disse que temos que limpar o chão, tirar areia, limpar as sanitas (pias) e depois usar sabão para limpar o chão mas exige paciência porque por exemplo, mulheres jogam pensos usados no chão mas temos que apanhar e é onde o trabalho fica mais difícil e quanto aos pensos jogados no chão, já reclamamos com nossos chefes e estudantes sobre a situação e pediram que houvesse uma aula de moral mas nunca aconteceu.

Na mesma linha de ideias observar os funcionários permitiu-me com que percebesse sobre a maneira como é feita a higienização das casas de banho e sua manutenção e as suas experiências em relação a este trabalho, especificamente a forma de ser e estar em relação a este trabalho.

Capítulo VI

1. Considerações finais

A maneira como as pessoas procedem está carregada de experiências particulares e colectivas que influenciam na sua percepção do mundo. Essas percepções reflectem-se de várias formas, dentre elas na concepção higiene (Chiazza, 2011) e do limpo e sujo. Segundo Douglas (2012), a limpeza transformou-se ao longo do tempo numa prática obsessiva nas sociedades modernas, sendo o ideal a ser perseguido pois representa a

beleza e ordem, deste modo, fica instituída uma compulsão pela limpeza e um temor pela sujidade (Arcanjo, 2016).

A presente pesquisa analisou sobre as noções e interpretações de higiene por parte das usuárias onde o foco eram as narrativas e experiências em relação a higiene nas casas de banho femininas da FLCS.

Num primeiro momento, autores afirmavam que a higiene visa prevenir a saúde corporal de doenças e que a higiene é uma maneira de ser e estar que exige comportamentos que qualificam o exterior e outra perspectiva afirma que não se deve analisar a higiene somente na linhagem de saúde, mas também incluir a componente cultural- simbólica e relativista na análise desta.

Com a teoria fenomenológica, pude compreender as atividades das usuárias em relação ao uso das casas de banho femininas da FLCS e só assim foi possível captar momentos similares entre a observação e entrevistas realizadas e por fim, a interpretação e experiências das usuárias nas casas de banho fazem sobre a higiene do espaço pesquisado.

As observações nas casas de banho da FLCS permitiram compreender sobre a maneira como é feita a limpeza no mesmo espaço e com isso, confrontar com as interpretações das usuárias sobre a higiene, o sujo e limpo, olhando para as casas de banho sendo que definem limpo todo espaço ou alguém que mantém o seu espaço isento de qualquer detrito de sujidade.

Olhando para interpretação de higiene nas casas de banho na óptica das usuárias, esta é tomada como sinónimo de limpeza e é um conjunto de acções que visam manter o bem comum e a sua ausência representa sujidade, assim, dum ponto de vista simbólico, a higiene toma outras formas e representações dependendo da optica do observador ou de quem a pratica. Por fim, as usuárias fazem um chamamento para o senso de auto-responsabilidade e cidadania.

A definição de higiene nas casas de banho da FLCS por parte das usuárias é classificada olhando apenas para os aspectos que caracterizam o exterior, aquilo que era suposto ser e estar limpo sempre, que representa o ideal de estar limpo, ou seja, numa casa de banho higienizada.

No entanto, a higiene transmite muito também sobre as opiniões que as usuárias já vinham tendo muito antes de começar a frequentar as casas de banho da FLCS.

De acordo com as ideias pré-concebidas socio e culturalmente das usuárias sobre a higiene, esta visa a limpeza do corpo ou de algum lugar e que por meio de criação e cumprimento das regras sociais preserva a saúde para o bem do homem. Ela também é uma fonte de informações particulares pois reproduz sobre os costumes dos mesmos. O uso das casas de banho por parte das usuárias é por vezes, determinado pelas condições higiénicas que a mesma oferece que também gera diferentes opiniões em relação aos serviços ali oferecidos.

Capítulo VII

1. Referências Bibliográficas

Archanjo, P. 2016. *Convivência continua com esgotos a céu aberto: Modos de subjetivação de habitantes de Parintins-Amazonas*. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas: Manaus.

Ashenburg, K. 2008. *Passando a limpo o banho: da Roma antiga ate hoje*. São Paulo: Larousse do Brazil.

Chavana, A. 2016. “Zelar pela ordem de bons costumes: as práticas e experiências dos utentes da praia do Costa do Sol”. Dissertação de Licenciatura em Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo

Chiazza, S. 2011. “Primeiras abordagens de uma fenomenologia do limpo e sujo: Objectos, práticas e experiências entre o passado e actualidade”. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-graduação em Antropologia Cultural Material dos consumos da Universidade Nova de Lisboa

Chiesa, D., & Fatinel, L. 2014. Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia: notas sobre como não fazer uma etnografia ocidental. S/L, EnEO

Corbin, A. *Saberes e odores: O olfacto e o imaginário social nos seculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia e Letras

- Douglas, M. 2012. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Fleischer, R.2002. *Passando a América a limpo: O trabalho de housecleanners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo: Annablume.
- Forty, A.2007. *Objectos de desejo. Design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac e Naify
- Ghiraldelli, P.2016. O que são a fenomenologia e hermenêutica? In [www. Youtube.com](http://www.youtube.com)
- Goldfarb, M. 2008. “Definindo os ciganos: as representações colectivas sobre a população cigana na cidade de Sousa-PB”. *Revista de Ciências Humanas e Artes*. V. 14, nº ½
- Lakatos, M., & Marconi, A. 1986. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas
- Moretti, T. 2012. “Riscos toxicológicos das tatuagens”. *RavInter*. V.5, nº 2, Pp. 6-18
- Monlevade, J., &Faria, I.656 2008. *Higiene, segurança e educação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. 75 P. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc./Higiene.pdf – acessado em 10/nov./2014
- Ponte, V. 2006. “Análise antropológica da socialização das crianças no contexto social das famílias no trajecto do lixo no Aurá”. Dissertação de Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais de concentração em Antropologia da Universidade Federal do Pará. Belém
- Quivy, R., &Campenhoudt, V. 1995. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradivo
- Richardson, R. 2015. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 3ª Ed. São Paulo: Atlas
- Rodrigues, J. 1995. *Higiene e Ilusão: O lixo como invento social*. Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Silva, T. 2016. “Novos resíduos sólidos” In *O poder do lixo: Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rial, C (Org). Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, Pp. 297-399

Urbano, Z. 2007. “Fenomenologia e teoria de conhecimento em Husserl”. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*. V.13, nº2, Pp. 216-221